

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

# O PRINCIPE ENTERRADO VIVO E A RAINHA JUSTICEIRA

286.  
P.195



2.245

MANOEL D'ALMEIDA FILHO



# O Príncipe enterrado vivo e a Rainha Justiceira

Autorizado e registrado de acôrdo com a lei na  
Bibliotéca Nacional.



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374

SÃO PAULO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

**O PRINCIPE ENTERRADO VIVO  
E A RAINHA JUSTICEIRA**



No nosso planêta terra  
A vida humana é um drama  
No teatro do Destino  
É que começa o programa  
Só termina quando a morte  
Vem trazer o telegrama.

A morte é um mensageiro  
Que não respeita valente  
Coragem, força e riqueza  
Diploma, don, nem patente  
Já vive de foice cega  
De cortar nuca de gente.

Porque quem nasce na terra  
Vem cumprir uma sentença  
De acôrdo aos seus feitos  
Recebe uma recompensa  
Porém o que está escrito  
O Destino não dispensa.

Assim nasceu em um rcino  
Um príncipe muito estimado  
Com o nome de Orlando  
Porém nasceu condenado  
A ser enterrado vivo  
Logo depois de casado.

Assim disse um cientista  
Que conhecia o Lunario  
Descrevia a vida humana  
Pelo tempo planetário  
Onde o sistema astrológico  
Dá o signo necessário.

Quando o príncipe ficou homem  
Sabendo de sua sorte  
Disse: Eu nunca me caso  
Porque sou um homem forte  
Hei de viajar no mundo  
Até encontrar a morte.

Assim dizendo, assim fez  
Comprou uma embarcação  
E despediu-se dos pais  
Para deixar a nação  
Seguiu pelo oceano  
Sem rumo, nem direção.

Disse ao seu comandante  
— Meu ideal é profundo  
Aumente a velocidade  
P'ra dez milhas num segundo  
Que, ou me acabo nos mares  
Ou saio no outro mundo.

Assim eu corto esta sina  
Que me traz encabulado  
De ser enterrado vivo  
Logo depois de casado  
Portanto, eu nunca me caso  
Não posso ser enterrado.

A embarcação seguia  
Em grande velocidade  
Até que um certo dia  
Caiu uma tempestade  
Que fez o grande navio  
Passar na fatalidade.

Porque perdendo o canal  
Bateu numa pedra em cheio  
Explodiu uma caldeira  
Abriu-se de meio a meio  
Ninguém nunca tinha visto  
Outro estrago tão feio.

O príncipe lá do convés  
Subiu com a explosão  
E lá nos ares gritou:  
— Já que eu não vejo o chão  
Vou ser sepultado vivo  
No buche d'um tubarão.

Porém caindo no mar  
Tirou toda roupa fora  
Agarrou-se a uma tábua  
E disse: Embarquei agora  
“Findando a terra de Deus  
Chega a de Nossa Senhora”.

Da explosão do navio  
Só houve um sobrevivente  
Que foi o príncipe Orlando  
Por ser disposto e valente  
Seguiu nadando na tábua  
Para o lado do poente.

Assim viajou dois dias  
Sem jeito para escapar  
Já quase morto de fome  
Viu uma gaiivota chegar  
Sentar-se no ombro dele  
Como quem quer descansar.

Ele pegou-a dizendo:  
— Chegou o que eu queria  
Matou-a e foi deponando  
Cheio de muita alegria  
Rasgou-a erua e comeu-a  
Para ver se não morria.

Porém depois da comida  
Logo uma sede chegou  
Bebeu a água do mar  
A sede mais apertou  
Ele vendo que morria  
P'ra Jesus Cristo apelou.

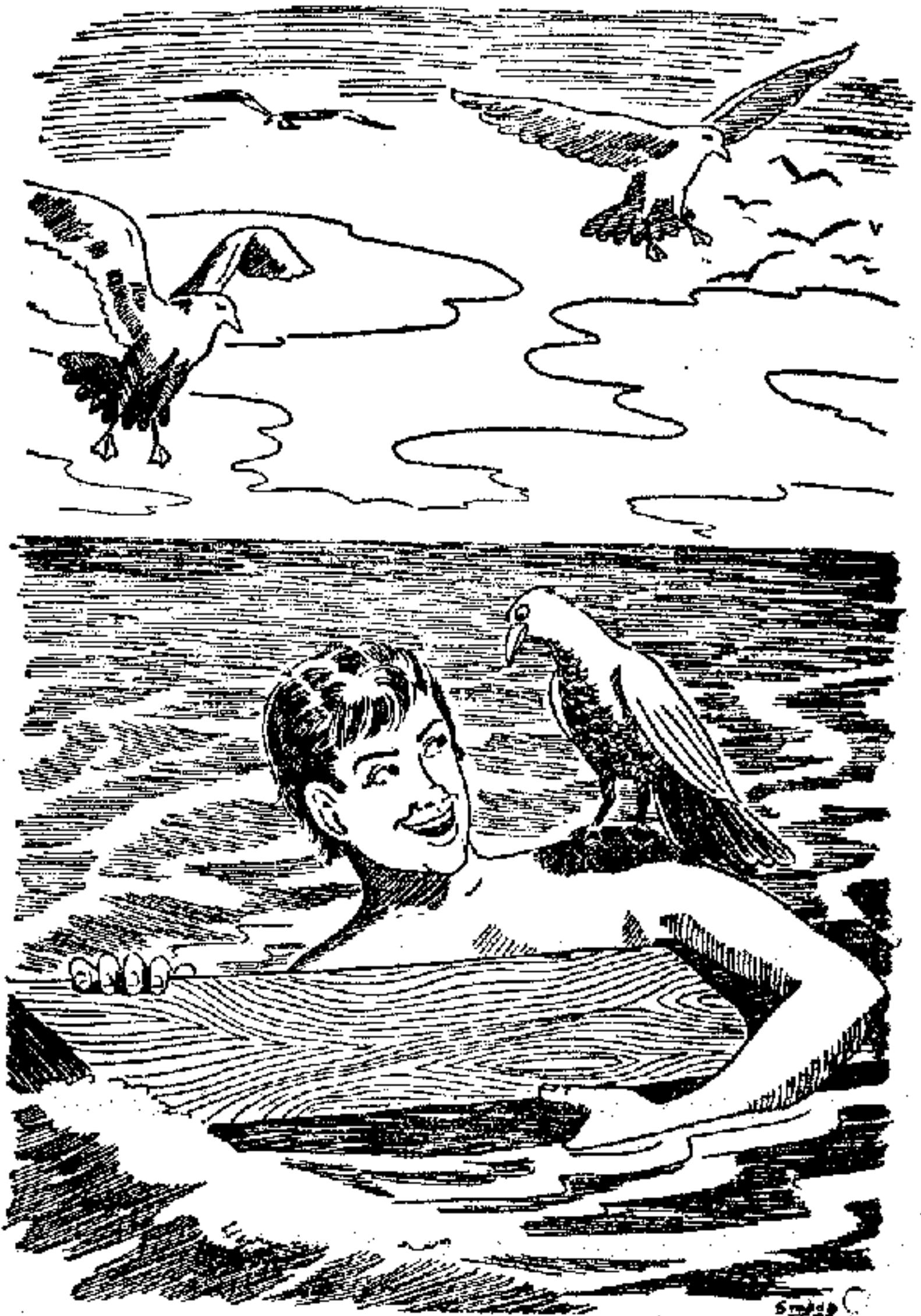
Assim que pediu contrito  
Num instante apareceu  
Uma nuvem carregada  
Com dez minutos choveu  
Ele de boca para cima  
Aparou água e bebeu.

Como já era de noite  
Ficou como quem desmaia  
Porém amanhecendo o dia  
Foi avistando uma praia  
Onde a areia era branca  
Como um lençol de cambraia.

Mas ainda estava longe  
Só a tardinha saltou  
De calção, com um binóculo  
Pela praia procurou  
Algum vestígio de gente  
Que facilmente encontrou.

Viu uma estrada larga  
Que passava numa ponte  
Seguiu viagem por ela  
Adiante avistou um monte  
Que ficava muito longe  
D'um lado do horizonte.

Ele botou o binóculo  
Para o monte distante  
Avistou na esplanada  
Uma cidade importante  
Muito linda e asseada  
Construída a diamante.



5749

Quando entrou na cidade  
 Viu uma obra sem fim  
 Um palacio de brilhante  
 Com as tórres de marfim  
 Na belesa igualava  
 O palacio de Aladim.

Chegando em frente ao palacio  
 Ficou olhando abismado  
 Viu uma placa de ouro  
 Com um letreiro gravado  
 Aonde se lia o código  
 Da justiça do reinado.

Dizia o letreiro assim:  
 — “Noxa lei é a primeira  
 A justiça não se vende  
 Por ser pura e verdadeira  
 O povo cumpre a sentença  
 Da rainha justiceira”.

Estava olhando o palacio  
 Foi chegando um capitão  
 Com uma escolta real  
 Vende o príncipe de calção  
 Procurou-lhe os documentos  
 Dando-lhe voz de prisão.

O príncipe disse: Eu não tenho  
 Aqui nenhum documento  
 Escapei de um naufragio  
 Passando o maior tormento  
 Sou herdeiro da corôa  
 Do Reino do Pensamento.

— Não conheço esse reinado  
 Respondeu o capitão  
 O príncipe foi agarrado  
 Sem mais justificação  
 Foi conduzido a presença  
 Da rainha da nação.

A rainha de quem falo  
Ainda era solteira  
Tinha assumido a corôa  
Com uma lei verdadeira  
Era cognominada  
“A rainha justiceira”.

Também era muito linda  
Rivalisava com Creuza  
Por isto o povo adorava  
A jovem rainha Neuza  
No seu trono de safira  
Era mais que uma deusa.

Assim que o príncipe Orlando  
Chegou aprisionado  
A rainha perguntou:  
— Quem é este desgraçado?  
Lhe disseram: Ele vem  
Para ser interrogado.

Porque é desconhecido  
Não é filho da nação  
E não possui documento  
Pode ser algum ladrão  
Ou algum “quinta coluna”  
Que vem como um espião.

A rainha disse: Amigo  
A sua sorte decida  
Nos conte toda verdade  
Não faça história comprida,  
Porque se titubeias  
Termina perdendo a vida.

O príncipe em poucas palavras  
Descreveu todo passado  
Como abandonou os pais  
Sendo herdeiro d’um reinado  
Como daquele naufragio  
Sosinho tinha escapado.

Depois a rainha disse:

— Sua conversa é perfeita

Porém aqui neste reino

A minha lei é direita

Qualquer um que profaná-la

A guilhotina o ajeita.

Porque qualquer estrangeiro

Que entrar no meu reinado

Só dou vinte e quatro horas

Para êle ser casado

Porque o templo da lei

Não pode ser profanado.

Essa lei também abrange

Aos filhos da nação

Todos homens são casados

Não há prostituição

Tem direito à escolher

Mulher à satisfação.

O rapaz de quinze anos

Se não for logo casado

Ao completar dezesseis

E' na praça executado

E também o estrangeiro

Come do mesmo bocado.

O príncipe disse: Porém

Eu posso me retirar

Ela disse: Não senhor

Porque aonde chegar

Vai difamar meu reinado

E minhas leis profanar.

Portanto, o senhor só pode

Sair daqui escoltado

Procurar uma espôsa

Nas donzelas do reinado

Ou accita o casamento

Ou vai ser executado.

O príncipe se viu forçado  
Não encontrando defesa  
Percorreu toda cidade  
Escolheu uma princesa  
D'outra família real  
Dona de muita riqueza.

Porém depois de casado  
Ficou muito pensativo  
Lembrou-se do prognóstico  
Pensando ser positivo  
Se casando, só faltava  
Ir ser enterrado vivo.

Com dez dias de casado  
Uma nova apareceu  
A mulher do seu visinho  
Duma febre adoeceu  
Não houve quem desse jeito  
Com cinco dias morreu.

O príncipe viu o visinho  
Chorando sem ter consolo  
Foi acalmá-lo dizendo:  
— Porque você é tão tolo?  
Lastimando u'a mulher  
Aonde existe de rôlo?

Pois se a minha morresse  
Eu era quem não chorava  
Quando ela fechasse os olhos  
Logo outra eu procurava  
Enterrava a morta hoje  
E amanhã me casava.

O visinho respondeu:  
— O senhor está enganado  
Aqui existe uma lei  
Que qualquer homem casado  
A espôsa falecendo  
Ele vai ser sepultado.

Da mesma forma a mulher  
 Para a lei não há perdão  
 Vão os dois amortalhados  
 Cada um em um caixão  
 Um vivo e outro morto  
 Vão para dentro do chão.

As joias que possuírem  
 Levam para a sepultura  
 Que é um grande alçapão  
 Com cem metros de fundura.  
 Embaixo é um suca vão  
 Que ninguém sabe a largura.

O caixão do que vai vivo  
 Dentro vai água e comida  
 Para no primeiro dia  
 Ele alimentar a vida  
 Do outro dia em diante  
 Dena morte que decida.

Chegando na sepultura  
 E' aberto o alçapão  
 Os caixões descem ligados  
 Por um grande correntão  
 Que automaticamente  
 Desliga cada caixão.

E quando o correntão sobe  
 Ouve-se a tampa bater  
 Fica o enterrado vivo  
 Naquele horrendo sofrer  
 Ninguém sabe um ente desses  
 Quanto sofre p'ra morrer.

Os filhos do casal morto  
 A rainha da nação  
 Toma conta e vai criá-los  
 Com mimo e estimação  
 Assim não falta à ninguém  
 Conforte e educação.

Ouvindo aquela conversa  
O príncipe ficou pasmado  
Depois viu o seu visinho  
Vivo ser amortalhado  
E com a espôsa morta  
Foi o mesmo sepultado.

O príncipe disse: Danou-se  
Sendo assim eu "banquei trouxa"  
Casando neste paíz  
"Fui chupado da carôcha"  
Se minha esposa morrer  
"A cousa vai ficar rôxa".

Dito e feito, a mulher  
Com um mês adoeceu  
Exgotou a medicina  
E a doença não cedeu  
Com quarenta e cinco dias  
A princeza faleceu.

Chegou a ordem suprema  
Para o príncipe ser pegado  
Botado num ataúde  
E depois amortalhado  
Para com a sua espôsa  
Ir vivo ser sepultado.

O príncipe pulou e disse:  
— Vamos mudar o assunto?  
Quem quizer morrer comigo  
Pode chegar para junto  
Que eu só sou enterrado  
Depois de virar defunto.

Um soldado respondeu:  
— Não se meta a valentão  
Que nas unhas da rainha  
Ninguém alcança perdão  
Para ser amortalhado  
Vá se deitar no caixão.

O príncipe disse: Eu não vou  
Nem Santo Antonio mandando  
Ninguem não venha pegar-me  
Se não eu findo matando  
Gente que se passa um ano  
De dia à noite enterrando.

Porém o soldado disse:  
- - Espere aí camarada  
E foi esticando o arco  
Da flexa narcotizada  
Bateu na perna do príncipe  
Que ficou atravessada.

Ele recebendo a flexa  
Para um canto foi caindo  
O efeito do narcótico  
Pelo corpo foi sentindo  
Com dez minutos depois  
Já se achava dormindo.

Aquela flexa era usada  
Quando vinha um valentão  
Narcotizado dormia  
Cinco horas no caixão  
Acordava sepultado  
No fundo do alçapão.

Assim foi o príncipe Orlando  
Num caixão amortalhado  
Botaram agua e comida  
Para o pobre condenado  
Quando acordasse passar  
Inda um dia alimentado.

A princesa morta estava  
Também em outro caixão  
Com todas as suas joias  
Conforme a lei da nação  
Os dois caixões às três horas  
Seguiram de mão em mão.

Depois de vinte minutos  
Chegaram na sepultura  
Abriram o grande alçapão  
Numa corrente segura  
Os caixões dos dois espôsos  
Desceram na cova escura.

Desceu uma vela acêsa  
Na cabeça do caixão  
Pelo serviço automático  
Desligou-se o correntão  
Chegando em cima fechou-se  
A tampa do alçapão.

E assim ficou o príncipe  
Enterrado ressonando  
Completando cinco horas  
O narcótico foi passando  
Ele acordou-se e a vela  
Estava já se apagando.

Ele então reconhecendo  
Que estava no caixão  
Ergueu-se e olhou em volta  
Só viu a escuridão  
E sentiu a fedentina  
Da grande putrefação.

Foi quando compreendeu  
Vendo o caixão da princesa  
Que tinha sido enterrado  
Vivo numa fortaleza  
Assim tinha se cumprido  
Uma lei da natureza.

Viu um prato de comida  
Um copo d'água de lado  
Ele disse: Sendo assim  
Eu estou bem hospedado  
Deitado em cama de sogra  
Ou em casa de cunhado.

Assim êle conformou-se  
 Pois não havia socôrro  
 Comia aquela comida  
 Pior do que p'ra cachôrro  
 E assim mesmo dizia:  
 — Sei que tão cêdo não môrto.

Com mais ou menos três dias  
 A comida terminou-se  
 A última gôta d'agua  
 Na mesma hora acabou-se  
 O príncipe aí viu a morte  
 De viver desenganou-se.

Porém passou umas horas  
 Ainda muito animado  
 Mas vendo faltar-lhe as forças  
 Fez um ato treslocado  
 Porque ainda comen  
 Uns pedaços dum finado.

Quando o príncipe estava  
 Nessa tremenda aflição  
 Pensando perder a vida  
 Viu abrir-se o alçapão  
 E descerem dois espôsos  
 Cada um em um caixão.

A esposa vinha viva  
 O príncipe aí animou-se  
 E disse com seus botões:  
 — A fome agora acabou-se  
 Agarrou uma canela  
 Do defunto e levantou-se.

Quando os caixões baixaram  
 O príncipe "levou a nota",  
 A mulher foi se aprumando  
 Ele "meteu-lhe a derrota"  
 Que com uma canelada  
 A pobre "bateu a bota".

O príncipe no mesmo instante  
Procurou pelo caixão  
Achou a comida e fez  
Uma boa refeição  
E depois bebeu a água  
Que vinha num garrafão.

Depois da barriga cheia  
Começou a fazer planos:  
— Se morresse muita gente  
Neste paiz de tiranos  
Eu dentro deste buraco  
Ia passar muitos anos.

Porém com mais uns três dias  
Faltou alimentação  
O príncipe viu-se perdido  
Sem meios de salvação  
Porém na última hora  
Abriu-se o grande alçapão.

E descen outro casal  
O príncipe viu animou-se  
Quem vinha vivo era o homem  
Chegando em baixo sentou-se  
Subiu logo o correntão  
E o alçapão fechou-se.

Mas o príncipe com um osso  
De canela preparado  
Deu-lhe uma canelada  
Que o pobre desgraçado  
Tombou e já caiu morto  
Com o pescoço quebrado.

O príncipe então procurou  
A comida no caixão  
E depois que encontrou  
Comeu à satisfação  
Depois que matou a fome  
Criou mais animação.

Dizendo consigo mesmo:  
— Faltou-me a inteligência  
Pois um tatú com as unhas  
Tem tido mais consciência  
Que cava um subterrâneo  
Porém salva a existência.

E eu aqui esperando  
Só para perder a vida  
Porque não morrendo gente  
Há de me faltar comida  
Embora eu vire tatú  
Mas vou tentar a saída.

Ali êle estava em cima  
De um monte de "caixão"  
Quando deu um passo em frente  
Pison na escuridão  
No vácuo e caiu em baixo  
No fundo do suca vão.

Levantou-se atordoado  
Todo arranhado e ferido  
Defuntos, caixões e tudo  
Com êle tinham descido  
Foi um milagre de Deus  
Da queda não ter morrido.

Assim saiu tateando  
Na escuridão tremenda  
Tropeçando nos cadáveres  
Naquela caverna horrenda  
Até que avistou um claro  
Em uma pequena fenda.

Seguiu em busca do claro  
Para o examinar  
Chegando lá recebeu  
Uma pancada de ar  
Como também foi ouvindo  
Logo a zuada do mar.

Foi quando compreendeu  
Porque havia escapado  
Dentro daquela caverna  
Tantos dias sepultado  
Por causa daquela fenda  
Não morreu asfixiado.

Examinou bem a fenda  
Cabia bem u'a mão  
Com o auxílio dum osso  
Começou a escavação  
Furou mais de vinte metros  
Pela fenda em direção.

Porém já muito cansado  
Até que escurceu  
Perdeu o claro da fenda  
Sem o rumo esmoreceu  
Mas ficou sentindo o vento  
Com a frêscia adormeceu.

O príncipe só acordou-se  
Quando rompeu a aurora  
Que foi avistando o claro  
Trabalhou mais uma hora  
Sempre acompanhando a fenda,  
Arrombou e saiu fora.

Saiu na beira da praia  
Ao pé do grande rochedo  
Achou umas boas frutas  
Comeu-as, porém com medo  
De alguém o avistar  
E descobrir o segrêdo.

Depois entrou no buraco  
Por onde tinha saído  
Temendo ser descoberto  
Passou o dia escondido  
Para fugir pela noite  
De ninguém ser conhecido.

Na caverna descobriu  
A riqueza fabulosa  
Que vinha em cada caixão  
A fortuna preciosa  
Em jóias e pedras finas  
Cada qual mais valorosa.

Trabalhou o dia todo  
Um grande monte juntou  
Das jóias mais preciosas  
Que nos caixões encontrou  
Em uma mortalha forte  
Fez uma trouxa, amarrou.

E quando chegou a noite  
Com o volume pegado  
Saiu do esconderijo  
Pela praia carregado  
Só não foi prisioneiro  
Porque ia amortalhado.

Pois a patrulha da praia  
O vendo deu uma pópa  
Um soldado o perseguiu  
Chegou perto e disse: Ópa!  
Porém viu u'a mulher  
Com uma trouxa de roupa.

Volton disse ao comandante:  
— É' uma pobre praieira  
Que vem do riacho doce  
Trabalha a semana inteira  
Lavando roupa de ganho  
Quanto sofre a lavadeira!

De fato que existia  
Uma lavadeira perto  
Que mais dos dias passava  
E a parencia deu certo  
Assim o príncipe escapou  
Por um caminho deserto.



Viajou a noite toda  
E no outro dia cedo  
Avistou uma casinha  
Perto de um arvorêdo  
Ele foi até à porta  
Porém com bastante medo.

Chegou, bateu e saiu  
Uma negra velha suja  
Que foi dizendo: Entre logo  
P'ra que a sorte não fuja  
Que eu vou dar-lhe dois banhos  
Nos misterios da coruja.

O príncipe entrou ela disse:  
— Sou a deusa da vingança  
Todo crime que existe  
Sou eu quem faço a matança  
Domino a humanidade  
Na minha sala de dança.

Já completou doze anos  
Que dentro deste reinado  
A justiça levantou-se  
Deu o seu último brado  
Castigando os desvalidos  
Sem um sequer ser vingado.

Durante esses doze anos  
Eu vivo aqui oprimida  
“A rainha justiceira”  
Encarcerou minha vida  
Porém eu só deixo ela  
Quando vê-la destruída.

Tu és um dos sofredores  
Que precisa ser vingado  
Dou-te as armas necessárias  
P'ra venceres o reinado  
Assim farás os meus gostos  
E serás recompensado.

Botarás a lei abaixo  
Que traz a nação cativa  
Dos homens casarem cêdo  
De gente enterrar-se viva  
Decretarás outra lei  
Que seja mais positiva.

Que haja mais liberdade  
Assim o povo descança  
Dominarás a rainha  
Que fica amorosa e mansa  
No fim casarás com ela  
Como prêmio da vingança.

O príncipe disse: Eu duvido  
Haver um homem valente  
Para vencer um reinado  
Só se for com muita gente  
Ou com uma bomba atômica  
Que não deixa nem semente.

Respondeu a negra velha  
— Vou tirar-te dos enganos  
Vou dar-te dois objetos  
Que possui a muitos anos  
Com êles tú vencerás  
Mil reinados de tiranos.

Esses objetos foram  
Criados pela magia  
Com os misterios da noite  
E o magnetismo do dia  
Com todas as forças nêgras  
Da alta feitiçaria.

Porém nesses objetos  
Há um segredo a favor  
Somente na mão do homem  
Eles lutam sem temor  
Porém na mão da mulher  
Perdem de tudo o valor.

Por isso eu não me vinguei  
Mas fiquei na esperança  
Que aparecesse um homem  
P'ra fazer minha vingança  
E só tú farás agora  
Os meus gostos sem tardança.

Foi buscar os objetos  
Entrou no seu gabinete  
Saiu com cinco minutos  
Com um saco e um cacête  
Um embrulhado no outro  
Que parecia um foguête

E disse ao príncipe: Agora  
Tú poderás ser vingado  
Pois entrarás neste saco  
Mesmo assim amortalhado  
Conduzindo este cacête  
Marcharás para o reinado.

Este saco que estás vendo  
Quem estiver dentro dele  
Não sofrerá nenhum dano  
Pois nem bala fura êle  
Cairá virado em pó  
Tudo quanto tocar nele.

E com este cacetinho  
Vencerás toda batalha  
Porque na hora da luta  
Ele sosinho trabalha  
Briga com quem apareee  
E não apresenta falha.

E tú de dentro do saco  
Darás as ordens dizendo  
O que queres qu'ele faça  
Verás ele obedecendo  
O povo correndo doido  
E o cacête batendo.

Assim não existe exército  
Que aguente este cacête  
Pois é duro como osso  
Estoura como foguête  
Arranha igualmente a ralo  
E corta como rodête.

Com estes dois objetos  
Mostrarás tua façanha  
Lutando de dia a noite  
Dentro da maior campanha  
Com êles tú vencerás  
Até a "mãe de pantanha".

O príncipe no mesmo instante  
Jogou a trouxa no chão  
Com as joias preciosas  
E com toda animação  
Entrou no saco e seguiu  
Com o cacête na mão.

Ao chegar na cidade  
Foi tremenda a confusão  
Um defunto amortalhado  
Com um cacête na mão  
Andando dentro d'um saco  
Assombrou a multidão.

O povo todo assombrado  
Fez o maior alvoroço  
Tinha gente nos sobrados  
Que tinha tanto sobrôso  
Que caía lá de cima  
No chão quebrava o pescoço.

Foram dar parte à rainha  
Que não ficou assombrada  
Dizendo que talvez fosse  
Uma simples palhaçada  
Porém em poucos minutos  
Foi ser exterminada.

E mandou uma patrulha  
 Com a real permissão  
 Para dispersar o povo  
 Acabando a confusão  
 E trazer preso o palhaço  
 Autor da agitação.

A rainha ainda disse:  
 — Me traga o palhaço mau  
 Debaixo de cacete  
 Embora vire mingau  
 Quero mostrá-lo ao povo  
 Todo quebrado de pau.

Quando a patrulha chegou  
 Entrou pela multidão  
 Até perto do defunto  
 Que de cacete na mão  
 Do comandante da tropa  
 Recebeu voz de prisão.

Porém o defunto disse:  
 — Não vou aprisionado  
 Vá embora se não é  
 Por mim desmoralizado  
 E diga à rainha que  
 Não soube dar o recado.

Respondeu o comandante:  
 — Eu não posso ter empaio  
 Tenho ordem p'ra levá-lo  
 Até dentro d'um balaio  
 Quebrado de cacete  
 E sem levá-lo não saio.

O defunto deu um grito  
 Bem alto dizendo assim:  
 — Meu cacete “mãos a obra”  
 Bata neste “cabra” ruim  
 Acabe esta patrulha  
 Antes de tocar em mim.

Nisso o cacete pulou  
Em cima do comandante  
Com uma pancada certa  
Matou-o no mesmo instante  
E em cada soldado deu  
Uma pancada importante.

Da patrulha não ficou  
Quem fosse dar o recado  
E o cacete saiu  
Saltando p'ra todo lado  
Dando pancada no povo  
Que debandava assombrado.

A desgraça acontecida  
Foram levar à rainha  
Que ficou enfurecida  
Com a noticia que vinha  
E mandou preparar logo  
O exército e a marinha.

Seguiu logo um batalhão  
Por um major comandado  
Para resolver o drama  
Do cacete endiabrado  
Trazer o defunto preso  
P'ra tornar ser sepultado.

Quando o batalhão chegou  
Foi ouvindo as cacetadas  
E foi vendo a bagaceira  
Defuntos pelas calçadas  
E o cacete batendo  
Até nas portas fechadas.

Também foi vendo o defunto  
Bem calmo e achando graça  
Andando dentro do saco  
De pé no meio da praça  
Dando ordens ao cacete  
Para fazer a desgraça.

O major gritou dizendo:  
— Eu trago as ordens reais  
Saia de dentro do saco  
Não confunda ninguém mais  
Porque eu o levo preso  
Inda sendo o satanaz.

Mas o defunto gritou:  
— Onde saiu este brabo?  
Vá embora vagabundo  
Que com seu corpo eu acabo  
E o seu espírito eu mando  
Levar uma carta ao diabo.

Nisso o major deu a ordem  
Para que seu batalhão  
Partisse para o defunto  
Sem prestar mais atenção  
Pegasse com saco e tudo  
Para levá-lo à prisão.

No mesmo instante o defunto  
Com toda força gritou:  
— Meu cacête “mãos a obra”  
Nisso o cacête pulou  
Caiu no meio dos soldados  
Ali o pau trovejou.

Muitos soldados ainda  
Deram descargas cerradas  
Mas o defunto no saco  
Recebia em gargalhadas  
Porque as balas batiam  
Porém caíam amassadas.

Na volta das caçetadas  
Os soldados debandaram  
Assombrados na carreira  
Pelo palacio passaram  
Também os que não correram  
Mortos pelo chão ficaram.



Foram levar novamente  
Essa notícia à rainha  
Ela mandou preparar  
Todas as tropas que tinha  
Assim marchou o exército,  
A polícia e a marinha.

Quando chegaram ao campo  
Cercaram todos os lados  
Tomaram todos os bêcos  
Com os batalhões armados  
Partiram para o defunto  
Trinta milhões de soldados.

O defunto estava calmo  
Recostado descansando  
Com o cacête na mão  
Mas quando foi avistando  
A multidão de soldados  
Para êles foi marchando.

Nisso os soldados partiram  
Mas o defunto gritou:  
— Meu cacête “mãos a obra”  
Logo o cacête pulou  
Para cima dos soldados  
E a luta começou.

Os soldados avançavam  
Sem ter compaixão nem dó  
Porém perto do defunto  
Não escapava um só  
Pois quem tocava no saco  
Caía virado em pó.

E o cacête na luta  
Não errava uma pancada  
Dava pulos de cem metros  
P'ra dár u'a “marretada”  
Matava trinta, quarenta  
Com uma só cacetada

A soldadêscã na luta  
Compreendeu o assunto  
Começou a debandar  
Para não chegar p'ra junto  
Corria dizendo: O diabo  
E' quem vai prender defunto.

Assim em poucos minutos  
A praça estava vazia  
O cacête do defunto  
Pelos telhados subia  
Atrás de quem era vivo  
Nem rato se escapolia.

Quando correu a policia  
O exército e a marinha  
O príncipe disse: Eu agora  
Matei a sorte mesquinha  
Vou me apossar do palacio  
E casar com a rainha.

Assim entrou no palacio  
Debaixo de tiroteio  
Para vencer a batalha  
O cacête entrou no meio  
Dentro de cinco minutos  
Fez um escangalho feio.

E o príncipe amortalhado  
Com o cacête na mão  
Chegou e disse à rainha:  
— Vencí a revolução  
Vim casar com vossa altesa  
P'rá ser o rei da nação.

A rainha deu um grito  
Titubeou sem assunto  
Dizendo: Por Jesús Cristo  
De mim não chegue nem junto  
Que eu não caso com vivo  
Quanto mais com um defunto.

Porém o príncipe pegou-a  
Alí no seu gabinête  
Deu-lhe um supapo dizendo:  
— Minha volta é um rodête  
Ou aceita o casamento  
Ou entra no meu cacête.

A rainha vendo a morte  
Disse: E' este o meu desejo  
Quero casar-me contigo  
Pois outro melhor não vejo  
Para provar que me amas  
Dá-me um abraço e um beijo.

O príncipe aí abraçou-a  
E descobriu-lhe a verdade  
Casaram-se com dez dias  
Na maior festividade  
De príncipe passou a rei  
Venceu a fatalidade.

Quando assumiu a corôa  
Fez um código todo novo  
Criou as leis democráticas  
Assinadas pelo povo  
Foi aclamado monarca  
E digno de todo louvor.

A rainha justiceira  
Lutou porém foi casada  
Muito sofreu a vingança  
Em um canto como fada  
Inda derrubou as leis  
Disse ao príncipe: Uma vez  
A vingança foi vingada..

7596

## ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

- UM DRAMA NAS SELVAS DO AMAZONAS** — Um drama sangrento, vivido nas selvas amazônicas, onde florescem seringaís riquíssimos, e onde a ambição leva os homens a enfrentar perigos e feras. Em versos.
- ZÉ DO TELHADO** — História de um bandoleiro luzitano que vive as mais emocionantes aventuras, sendo como poucos, astuto, valente e dinâmico. Uma história de lances empolgantes e fabulosos. Em versos.
- JUVENAL E O DRAGÃO** — História de Juvenal, um jovem que ao perder o pai, recebeu a estranha herança de três carneiros. Trocou-os por três cães misteriosos e de aventura em aventura, consegue salvar uma linda princesa das garras de um temível dragão, ganhando seu amor pela vida toda. Em versos.
- O FILHO DO VALENTE ZÉ GARCIA** — História de um valente boiadeiro, que com um amigo, muda-se para uma cidade vizinha. Vive aventuras empolgantes, conseguindo derrotar os capangas do cruel fazendeiro, pai de sua amada. Uma história cheia de lances dramáticos. Em versos.
- O JULGAMENTO DE CANÇÃO DE FOGO NO CEU** — Cancão de Fogo é um personagem fabuloso, que consegue vencer a todos com sua astúcia e sua audácia. Após sua morte, é levado para o céu, onde deve ser julgado. O seu julgamento é inteligentemente defendido por si mesmo, que com sua lábia consegue envolver em sofismas seus julgadores. Em versos.
- A PRINCESA DO REINO DA PEDRA FINA** — A linda princesa encantada estava entregue a um cruel destino. Ninguém atrevia-se a tentar desencantá-la, até que surge um corajoso jovem disposto a tudo. Vivem de proezas fabulosas, consegue desencantá-la e ganha assim o seu amor. Em versos.
- O CASAMENTO DO MACACO COM A ONÇA** — Uma história tipo fábula, em que os animais vivem e pensam. Divertida narrativa, na qual a onça casa-se com seu proverbial e antigo inimigo, o astucioso macaco. Em versos.
- O CRIME DO POÇO** — Uma história de garimpeiros, onde a ambição cruel lança um jovem ao infortúnio. Assassinado e lançado no fundo do poço, o cadáver do desditoso rapaz é descoberto pela polícia, que resolve fazer justiça, provando mais uma vez que o crime não compensa. Em versos.

---

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**  
**Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo**

5110